



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**O PERFIL E A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ SOARES
DE CARVALHO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

ANA LENITA PEREIRA DO NASCIMENTO

ORIENTADOR: JUAREZ NOGUEIRA LINS

GUARABIRA, 29 DE AGOSTO DE 2013

ANA LENITA PEREIRA DO NASCIMENTO

O PERFIL E A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ SOARES
DE CARVALHO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação de licenciatura plena em letras da universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção de grau de licencianda em letras.

Orientador: Juarez Nogueira Lins

GUARABIRA, 29 DE AGOSTO DE 2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB**

N365p Nascimento, Ana Lenita Pereira do

**O perfil e a percepção dos alunos do ensino fundamental
II da Escola Estadual José Soares De Carvalho sobre o
ensino de língua portuguesa / Ana Lenita Pereira do
Nascimento. Guarabira: UEPB, 2013.**

27 f.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.**

Orientação Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

**1. Língua Portuguesa - Ensino 2. Metodologia do
Ensino I 3. Formação do Aluno. I. Título.**

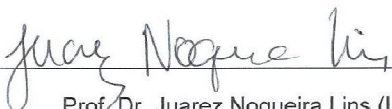
22.ed. CDD 410

ANA LENITA PEREIRA DO NASCIMENTO

**O PERFIL E A PERCEÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II
DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ SOARES DE CARVALHO SOBRE O
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de graduação
de licenciatura plena em letras da
universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento à exigência para
obtenção de grau de licencianda em
letras.

Aprovada em 29 de agosto de 2013



Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (UEPB)

Orientador



Prof. Ms. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins (FIP)

Examinadora



Prof. Mestrando Antonio Flavio Ferreira de Oliveira

Examinador

**(UEPB) O PERFIL E A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ SOARES DE CARVALHO
SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**Ana Lenita Nascimento (Licencianda em Letras e Bolsista PIBID/UEPB/CH)
Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (UEPB/CH)**

RESUMO

Os estudos atuais sobre o ensino de língua portuguesa apontam as dificuldades e trazem propostas. São elementos teóricos que embasam a visão de mundo dos licenciando em Letras. Mas na prática, o que pensam aqueles que vivem a escola básica: alunos e professores das escolas públicas? Enquanto licencianda do Curso de Letras e bolsista do Subprojeto de Língua Portuguesa do PIBID/UEPB/CH resolvemos discutir a visão dos alunos. Surgiram então, alguns questionamentos: quem são os alunos de língua portuguesa da Escola José Soares de Carvalho? Como esses alunos vêem o ensino de língua portuguesa na sua escola? Com o objetivo de discutir a temática, realizamos uma pesquisa de campo, qualitativa para levantar dados sobre os alunos e ensino de língua portuguesa na E. E. E. F. M José Soares de Carvalho – Guarabira/PB. Como suporte teórico nós utilizamos alguns pressupostos de Irandé (2003), Geraldi (2002), MATTOS (2003), POSSENTI (1999), ANTUNES (2010) e outros. Chegamos à conclusão que: os alunos da Escola José Soares de Carvalho, apesar das dificuldades pessoais e das dificuldades oriundas do ensino público, apresentamos, sobre o ensino de Língua Portuguesa, uma visão que oscila entre o pessimismo e otimismo, a crença de que o ensino de língua materna pode melhorar, metodologicamente, e que pode melhorar suas relações com o mundo.

Palavras-chave: Percepções. Alunos do EEEFM José Soares de Carvalho. Ensino. Língua Portuguesa

ABSTRACT

Current studies on the teaching of the Portuguese language point out the difficulties and bring proposals. Are theoretical elements that underlie the worldview of licensing in Literature. But in practice, what think those who live elementary school: students and teachers in public schools? While licencianda Course Letters and Fellow Subproject Portuguese Language PIBID / UEPB / CH decided to discuss the vision of the students. Then came some questions: who are the students of the School Portuguese José Soares de Carvalho? As these students see the Portuguese language teaching in your school? With the aim of discussing the topic, we conducted a field survey, to raise qualitative data on students and teaching English in E. E. E. F. M José Soares de Carvalho - Guarabira / PB. Theoretical support we use some assumptions Irandé (2003), Geraldi (2002), Mattos (2003), Possenti (1999), Antunes (2010) and others. We concluded that: School students José Soares de Carvalho, despite the personal difficulties and problems derived from public education, present on the teaching of the Portuguese language, a vision that oscillates between pessimism and optimism, the belief that the mother tongue teaching can improve, methodologically, and it can improve its relations with the world.

Keywords: Perceptions. Students of EEEFM José Soares de Carvalho. Education. Portuguese

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: BREVES CONSIDERAÇÕES.....	7
2.1 O QUE DIZ A TEORIA.....	7
3 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ SOARES DE CARVALHO.....	11
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA VISÃO DOS ALUNOS.....	13
4.1 INSTRUMENTO E METODOLOGIA DA PESQUISA.....	13
4.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....	14
4.3 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	21
5 CONSIDERAÇÕES.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

As aulas na Universidade, no curso de Letras, e principalmente na disciplina de estágio: as leituras sobre o ensino de Língua Portuguesa, nos fez entrar em contato com as dificuldades que enfrentam a escola pública, no que diz respeito ao ensino de língua materna. Estas dificuldades puderam também, ser acompanhadas de perto, através do estágio supervisionado de Letras e, pela minha participação nas escolas públicas, através do Subprojeto de Língua Portuguesa do PIBID/UEPB/CH, cuja área de atuação foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, em Guarabira/PB, onde fui bolsista durante um ano. Esse contato mais amplo nos fez conviver com os problemas e as possibilidades dessa Escola. E enquanto bolsista, resolvemos discutir o perfil dos alunos de Língua Portuguesa e suas visões/percepções sobre o ensino de língua portuguesa ministrado na escola. Após as leituras realizadas no projeto PIBID, sobre a temática (GERALDI, 2002; IRANDÉ, 2003; PCNs, 1998; POSSENTI,1999; ANTUNES, 2010; MATTOS, 2003) resolvemos levantar dados sobre o perfil e as percepções de alunos e professores sobre a escola. Nesse momento, direcionamos a pesquisa aos alunos da escola. Eles (20) alunos responderam um questionário sobre o cotidiano do ensino de língua portuguesa com 35 questões, das quais escolhemos 13 para discutir o ensino de Língua Portuguesa. Uma pesquisa qualitativa/interpretativista. Dividimos o artigo em três tópicos – o primeiro aborda o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na escola básica na perspectiva teórico/prática. O segundo traz uma caracterização da Escola José Soares de Carvalho para situarmos o nosso objeto de pesquisa e, o terceiro traz a apresentação e discussão dos dados da pesquisa. Apresentamos em seguida, as nossas breves considerações, envolvendo nossa percepção a partir, principalmente do PIBID e, apontamos algumas possibilidades para se discutir o ensino de Língua portuguesa, na Universidade e, principalmente na escola pública.

2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: BREVES CONSIDERAÇÕES

2.1 O QUE DIZ A TEORIA DE GERALDI, POSSENTI, MATTOS E ANTUNES

O ensino de língua portuguesa, hoje, parece estar um tanto desfocado em relação ao seu objetivo: levar os alunos a interagir através da linguagem. E para que essa interação ocorra não se deve conferir à metalinguagem o status de protagonista, quando esta, deveria ser coadjuvante. Mas infelizmente, o ensino de Língua portuguesa, ainda é, em muitas escolas, centrado no ensino de gramática. Aula de gramática não é aula de língua portuguesa, embora, reconheçamos que é parte fundamental desta. A aula de língua portuguesa deveria se centralizar na leitura de textos, produção de texto e na análise linguística. Para GERALDI (1999, p.88) essas práticas, integradas no processo de ensino-aprendizagem; teriam dois objetivos interligados: “a) tentar ultrapassar, apesar dos limites da escola, a artificialidade que se institui na sala de aula quanto ao seu uso da linguagem; b) possibilitar, pelo uso não artificial da linguagem, o domínio efetivo da língua padrão em suas modalidades, oral e escrita.”

A escola ainda é bastante prejudicada por essa artificialidade. GERALDI (1999) diz que para comprovar essa artificialidade é mais fácil do que se pensa, pois nas escolas não se escrevem textos e sim redações, simulando assim o uso da língua escrita. Na escola não se leem textos, fazem-se atividades de interpretação, simulando a leitura e também não se faz análise linguística, aplicam-se análises preexistentes, simulando a prática científica da análise linguística.

Infelizmente essa é uma corrente bastante praticada e os profissionais muitas vezes nem percebem que essas práticas em nada ajudam seus alunos. É preciso mudanças no ensino de língua portuguesa, POSSENTI relata que:

Para que o ensino mude, não basta remendar alguns aspectos. No caso específico do ensino de português, nada será resolvido se não mudar a concepção de língua na escola (o que já acontece em muitos lugares, embora às vezes haja palavras novas numa prática antiga). Seguem-se, pois, teses básicas em relação ao problema do ensino de língua materna. Se as teses fossem transformadas em práticas, muitas das atividades atuais seriam substituídas. Se as teses expressarem verdades, sua aplicação resultará em melhoria do ensino. (POSSENTI, 1999, p. 32)

Para efetivar tais mudanças se faz necessário que o estudo sobre o ensino de língua portuguesa fundamente-se numa concepção de linguagem, lugar de inter (ação) o que, conseqüentemente, muda a concepção de sujeito, de texto e de como ensinar gramática. E assim, levar o aluno a produzir diferentes textos, para diferentes usos na sociedade.

De acordo com (MATTOS, 1999 p. 65) “é preciso conforme postulam os PCNs de língua portuguesa, selecionar, para as aulas, textos que, por suas características e usos, favoreçam a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamentos mais elaboradas e abstratas”

Partindo desse pressuposto, o professor de Língua Portuguesa deve selecionar bem os conteúdos que serão aplicados na sala de aula para que não permaneça naquele ensino tradicional e começar a trabalhar à gramática, o texto e o leitor, com novas habilidades de ensino. E para que essa pratica consiga surtir efeitos o educador deve aderir aos vários tipos de conhecimentos, com uma mudança na postura social em relação à língua e ao respectivo ensino. Deve também trazer para a sala de aula várias ocorrências dos artigos e investigue com os alunos a importância da presença dessas partículas lingüísticas e as possíveis mudanças de sentido se retiradas ou trocadas em um mesmo contexto, para isso é necessário construir com os alunos contextos em que os enunciados sejam de fato utilizados de forma contextualizada. Mas é claro que esse novo modo de trabalhar a gramática em sala de aula não irá mudar da noite para o dia, é preciso tempo e força de vontade para a efetivação deste processo. E assim, evitar que as famosas pragas do ensino de língua portuguesa (discutidas por GERALDI) ainda permaneçam na aula de língua portuguesa:

a) Quanto à leitura dos textos literários:

Abordados na aula de Língua Portuguesa como pretexto para trabalhar conteúdos gramaticais ou para responder questionários predefinidos e sistematizados. Outro ponto a ser enfatizado é como os textos literários estão presentes nos livros didáticos, os mais frequentes são: crônicas, contos e poemas, geralmente muito curtos, quando contém narrativas mais longas são utilizados apenas fragmentos dos mesmos.

A fragmentação dos textos afeta a conquista de novos leitores, pois dificulta a interpretação e conseqüentemente faz com que o aluno não desperte o prazer pela leitura e acaba condicionando-o a uma leitura apenas mecanicista. É importante que os autores de livros didáticos e os professores, se conscientizem que apesar da faixa etária dos alunos, eles têm capacidade de ler uma obra literária completa e que a literatura infanto-juvenil é designada principalmente para esse público em formação.

b) O ensino da Gramática Normativa Padrão:

Ainda é muito privilegiado, sendo destinada a ela maior parte das aulas de Língua Portuguesa, no entanto é explícito o alto nível de deficiência dos alunos no domínio da norma padrão da língua. A gramática está associada apenas a regras e nomenclaturas que só levam, na maioria das vezes, os alunos à “decoreba” e geram neles a sensação de que não sabem falar português. Cabe à escola ensinar aos alunos a fazer as adequações para a norma culta.

Não podemos retirar as regras e as nomenclaturas do ensino da gramática, no entanto não devemos ignorar a variação lingüística, o sujeito e as possibilidades de uso da língua. Segundo ANTUNES:

[...] Deve-se propor, portanto, uma gramática que tenha como referência o funcionamento efetivo da língua, [...]. Assim o professor deve apresentar uma gramática que privilegie, de fato, a aplicabilidade real de suas regras, tendo em conta, inclusive, as especialidades de tais regras, conforme esteja em causa a língua falada ou a língua escrita, o uso formal ou o uso informal da língua. Não adianta muito saber os nomes que as conjunções têm. Adianta muito saber o sentido que elas expressam as relações semânticas que elas sinalizam. (ANTUNES, 2010, p. 96)

Geralmente, na aula de português há uma busca incessante pelo “aprendizado” da língua culta e, esta, concentrada apenas para a forma escrita. São poucas as oportunidades oferecidas pelo educador para que o aluno exponha seu nível de domínio sobre a modalidade oral da língua. ANTUNES enfatiza que:

Uma equivocada visão da fala, como o lugar privilegiado para violação das regras da gramática. De acordo com essa visão, tudo o que é erro na língua acontece na fala e tudo é permitido, pois ela está acima das prescrições gramaticais; não se distinguem, portanto, as situações sociais mais formais de interação que vão, inevitavelmente, condicionar outros padrões de oralidade que não o coloquial. (ANTUNES, 2010, p. 24)

Diante da afirmação percebemos que assim como a escrita, a oralidade também tem seus aspectos e regras as serem seguidas, como por exemplo, a utilização dos gêneros discursivos, o aluno deverá ser ensinado fazer a escolha adequada dos mesmos para que determinada situação tenha êxito em sua finalidade, como também optar pelo nível de formalidade da língua que será necessário. Independentemente da forma do uso da língua (oral ou escrita) o papel do educador é formar cidadãos competentes e dominadores de sua língua materna, ela é o meio que eles utilizarão para se posicionar perante a sociedade em que vivem.

c) A produção de texto:

Produzir um texto não é uma tarefa simples para os alunos, muitos apresentam dificuldades de colocar no papel as suas ideias. Sendo assim um desafio diário para os professores de Língua Portuguesa, segundo MATTOS:

Trabalhar as dificuldades que estudantes encontram para produzir textos escritos proficientes tem sido um desafio para a educação brasileira e, em especial, para os professores de Língua Portuguesa, quando em sua prática docente se deparam com o fato de que os alunos redigem textos não proficientes. (MATTOS, 1999, pag. 60)

Para melhorar essas dificuldades o docente tem o papel de esclarecer para o discente para quem ele escreve, como escrever, sobre o que escrever. Escrever sem saber para quem, é um exercício difícil, pois falta a referência do outro. Desse modo, o professor não pode insistir na prática de uma escrita escolar sem leitor, sem destinatário e também sem conteúdo, isto é, na sociedade sempre há um motivo para a escrita, assim também tem que ser na escola, o aluno tem que saber o porquê da escrita, com quais sentidos, a quem se destina.

Além do mais, essa escrita tem que passar por algumas etapas como: planejamento, etapa da escrita, revisão (tema, objetivos, gênero, ordenação das ideias, prever as condições de seus leitores e a forma linguística). Outro obstáculo encontrado na produção da escrita é o tempo, que os professores disponibilizam em sala de aula, um tempo escasso, que dificulta o planejamento e revisão desses textos.

O que pode ser feito para evitar tantos equívocos com a ação da escrita é o professor atentar para algumas implicações. Então, quando o professor for trabalhar a escrita com seus alunos, ele deve dar importância a alguns fatores, ou seja, planejar a atividade com seus alunos, criar um leitor, um destino, uma função, dessa maneira, esse texto não cumprirá apenas exercício escolar, mas terá uma função social. Como afirma ANTUNES (2010), para escrever bem é preciso, antes de tudo ter o que dizer. A interação compreende a relação entre o sujeito produtor do texto e o outro, o mundo.

3 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ SOARES DE CARVALHO.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio: Professor José Soares de Carvalho (fotos de 01 a 05) situa-se na Rua Henrique Pacífico, S/N, Bairro Primavera. A instituição é dirigida pela gestora escolar Alcineide Evaristo de Sousa, a mesma graduada e especialista na área de Letras e como gestora escolar adjunta Isineide Lira Amorim, a mesma tem formação superior em Letras com habilitação Português/Inglês e especialização em Didática de Ensino.

As imagens 1 e 2 abaixo mostram a frente da referida escola e a direção com a gestora da mesma.



Foto 01 – Frente da EEEFM Professor José Soares de Carvalho



Foto 02 – Gestora e sala de Direção

A estrutura física da escola é formada por 19 salas de aula que funcionam nos três turnos, nas modalidades Fundamental, Médio e EJA, possui também laboratório de informática, de ciências e recentemente recebeu um laboratório de robótica, biblioteca, sala de vídeo, arquivo, e um ginásio poliesportivo ao lado da escola.

As imagens 3, 4 e 5 a seguir representam a biblioteca, sala de multimídia e o ginásio da Escola Estadual de E. F. M. Professor José Soares de Carvalho.



Foto 03 – Biblioteca



Foto 04 – Sala de multimídia



Foto 05 – Ginásio Poliesportivo

Participa dos programas “Mais Educação”, que atende diariamente uma quantidade significativa de jovens e adolescentes, “PDDE” e “PIBID”.

Com relação ao corpo docente, a escola possui em torno de 85 professores, enquanto que o número de discentes é em média 2.200 (dois mil e duzentos), oriundos da zona urbana e rural de Guarabira e de cidades adjacentes.

Mas apesar dos inúmeros projetos, dos recursos disponíveis, a escola vem passando por alguns problemas no que diz respeito às avaliações nos últimos anos.

Só para termos ideia do dilema da referida escola, no ano de 2011, o IDEB ficou com 2,3 e, em 2013 precisamos alcançar 3.4, o que não é impossível, pois sabemos que o corpo docente é bastante preparado para reverter esse quadro e conta-se com um alunado que também corresponde.

A tabela abaixo mostra o IDEB observado nos anos de 2005 a 2011 e as metas projetadas pela Escola E. E. F. M. Professor José Soares de Carvalho nos anos de 2007 a 2021.

Escola	Ideb Observado				Metas Projetadas							
	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
EEEFM PROF. JOSE SOARES DE CARVALHO	2.3	1.8	2.4	2.3	2.4	2.6	2.9	3.4	3.8	4.0	4.3	4.6

Tabela 1 (Excel, 2013)

Outro ponto de fundamental importância que enche a escola de grandes esperanças para mudar esse quadro, foi à parceria firmada com a UEPB/PIBID em que os licenciandos bolsistas junto com o coordenador de área do Curso de Letras, têm oferecido um suporte valioso ao José Soares de Carvalho, com o acompanhamento e com propostas para ampliar as possibilidades de ensino-aprendizagem nessa escola.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA VISÃO DOS ALUNOS

4.1 INSTRUMENTO E METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada através de questionários entregues aos alunos do ensino Fundamental II da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

Professor José Soares de Carvalho, as perguntas realizadas eram objetivas e subjetivas, com 30 questões sobre os alunos e o ensino de língua portuguesa na referida escola, para que assim pudesse relatar como anda o ensino de língua portuguesa na escola neste artigo.

Fui à escola e a entrevista foi feita com 10 alunos do ensino Médio, utilizando como metodologia perguntas para obtermos respostas com opiniões críticas dos educandos. Em seguida, os dados foram tratados através da tabela Excel e interpretados a luz dos pressupostos teóricos que embasam este artigo. Tratou-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativista.

4.2 Apresentação e discussão dos Dados da Pesquisa

1. SEXO

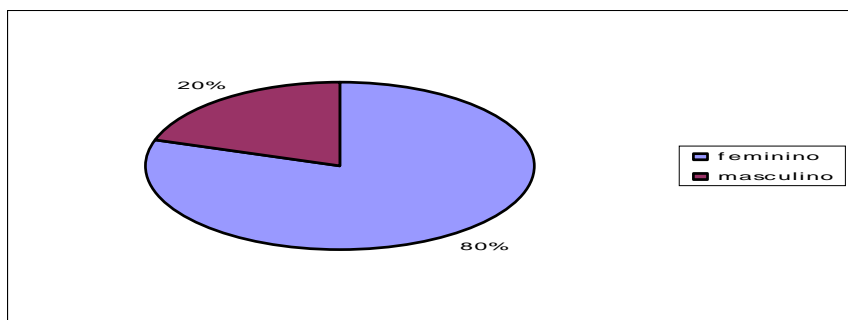


Gráfico 1 (Excel, 2013)

Segundo o gráfico 80% dos entrevistados são do sexo feminino e apenas 20% do sexo masculino. Percebe-se uma supremacia das mulheres em relação aos homens na escola. Isso se deve em parte ao turno e ao crescente interesse feminino pelos estudos, maior do que entre os homens.

2. IDADE

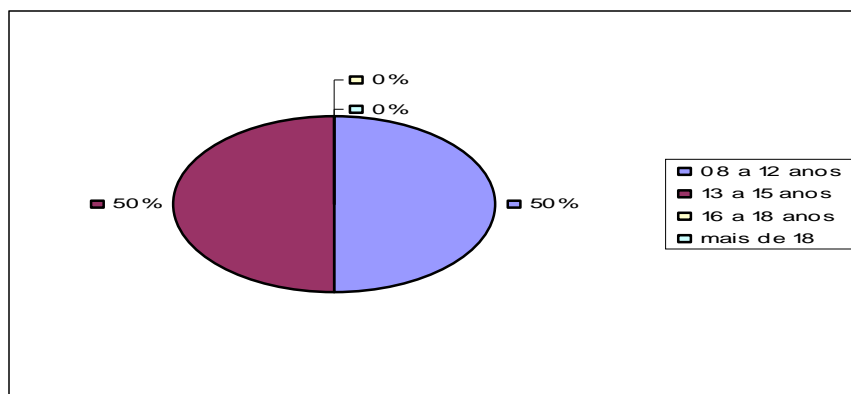


Gráfico 2 (Excel, 2013)

A maioria dos alunos está na faixa etária correta em relação ao ensino fundamental, estando 50% dos alunos entre a faixa etária de 8 a 12 anos e os outros 50% entre 13 e 15 anos.

3. ORIGEM

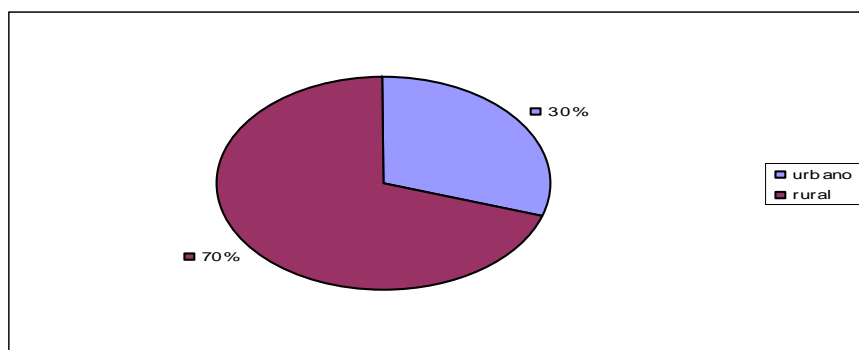


Gráfico 3 (Excel, 2013)

Sobre a origem dos entrevistados 70% provêm da zona rural e 30% da zona urbana. Essa escola é a que mais recebe alunos da zona rural. Acreditamos que devido a formação profissional que oferece. E que esta formação atrai mais os jovens da zona rural do que da zona urbana.

4. QUE DISCIPLINA MAIS GOSTA?

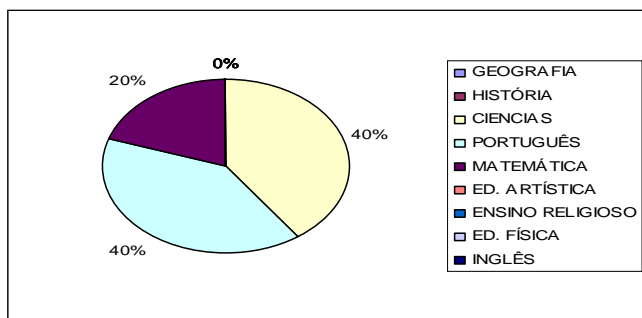


Gráfico 4 (Excel, 2013)

A maioria dos alunos prefere as disciplinas da área de humanas, 40% preferem a disciplina de Português, 40% Ciências e apenas 20% optaram pela disciplina de matemática que pertence à área das ciências exatas. Os alunos que optaram por Português afirmaram que apreciam o ato da leitura, da escrita e gostam do ensino da Gramática Normativa. Já os que gostam de Ciências asseguraram gostar de estudar sobre o próprio corpo humano. E os que apreciam Matemática evidenciam a importância dela para o dia-a-dia.

5. QUE DISCIPLINA VOCÊ MENOS GOSTA DE ESTUDAR?

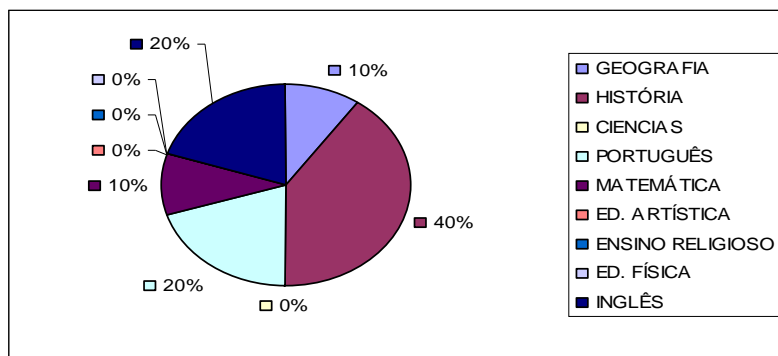
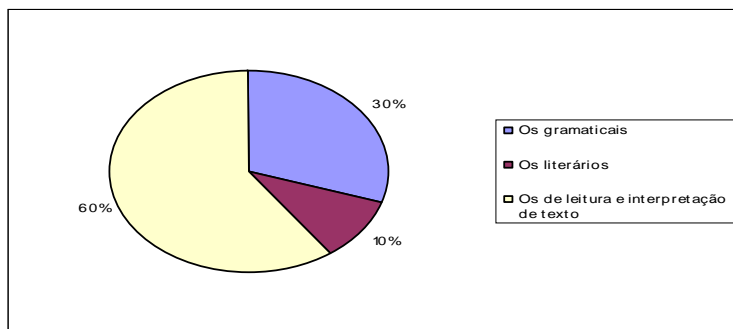


Gráfico 5 (Excel, 2013)

40% dos alunos assinalaram a disciplina de História alegando não se interessarem pela matéria porque ela trata de momentos históricos (passados). E o passado, parece não atrair as gerações do futuro, ou talvez, por questões metodológicas, esse passado não é trazido para o presente. Geografia também foi outra disciplina que foi escolhida nessa questão, compreendendo 10% dos alunos entrevistados, que afirmaram não gostar da metodologia do professor. A disciplina

de português teve 20% das escolhas e foi considerada uma matéria muito complexa e com muitos conteúdos. A matemática foi escolhida por 10% dos entrevistados, que afirmou ter dificuldade no aprendizado da disciplina e 20% optaram por inglês por sentirem dificuldade para assimilar os conteúdos dessa disciplina.

6. NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA QUE CONTEÚDOS VOCÊ MAIS GOSTA?



Em seguida começamos a discutir as opiniões dos alunos com relação apenas à disciplina de Língua Portuguesa. Primeiro os questionamos sobre que conteúdo de Língua Portuguesa eles mais gostavam de estudar e o motivo. Dos entrevistados 60% preferem os conteúdos de leitura e compreensão de textos, segundo eles porque os proporcionam momentos de reflexão e expressão dentro da sala de aula, onde debatem sobre o seu entendimento. Já 30% dos alunos preferem os conteúdos gramaticais, por gosto pessoal e/ou ter facilidade na compreensão. E apenas 10% optaram pelos conteúdos literários por achar mais fácil que os outros.

7. NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA QUE CONTEÚDOS VOCÊ MENOS GOSTA?

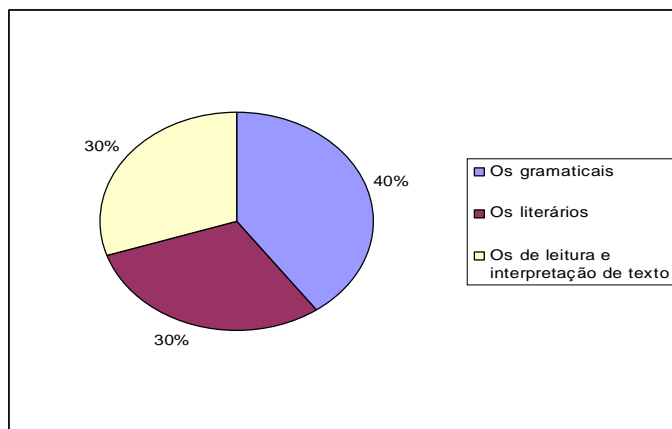


Gráfico 7 (Excel, 2013)

Nessa questão perguntamos aos alunos quais os conteúdos que eles menos gostavam e por qual motivo. 40% dos alunos não gostam dos conteúdos gramaticais e afirmam sentir dificuldade no aprendizado por acharem estes conteúdos muito complexos. Os conteúdos literários foram escolhidos por 30% dos entrevistados que afirmaram achá-los complicados e os outros 30% optaram pelos conteúdos de leitura e compreensão de texto por também achá-los complicados.

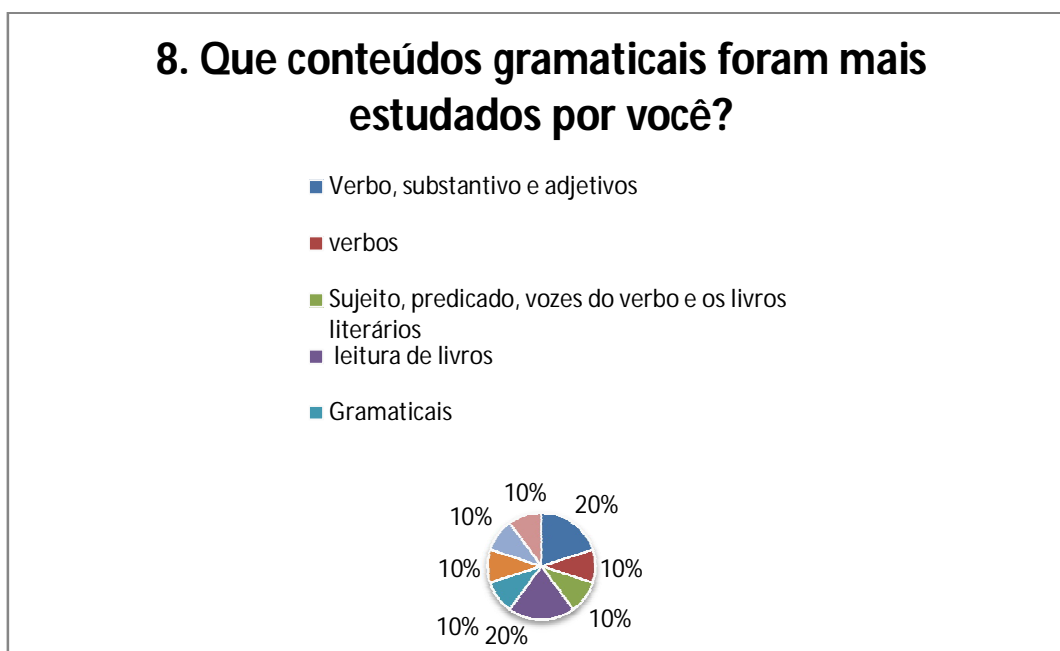


Gráfico 8 (Excel, 2013)

Quando foram perguntados sobre os conteúdos gramaticais e literários mais estudados por eles, 20% citaram o verbo, substantivo e adjetivos como conteúdos que mais viram em sala de aula, outros 30% disseram leitura de livros literários e os demais 50% se subdividiram com alternativas diferentes como: Sujeito, predicado, vozes do verbo e os livros literários (10%), Verbos (10%), gramática (10%), verbos adjetivos e os livros literários (10%), leitura e interpretação de textos (10%).

9. Que conteúdos da disciplina língua Portuguesa você considera mais importante aprender?

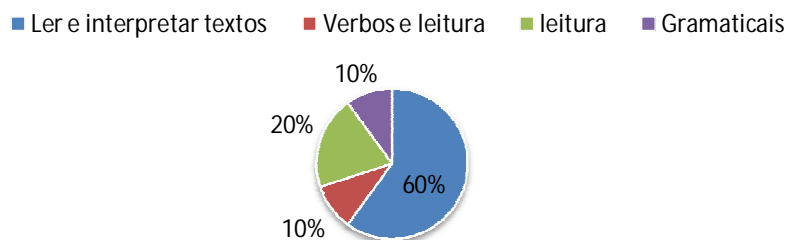


Gráfico 9 (Excel, 2013)

Perguntamos quais conteúdos de Língua Portuguesa eles consideravam mais importantes, 60% dos educandos responderam ler e interpretar textos, 20% leitura, 10% verbos e leituras e 10% os gramaticais. Os mesmos afirmaram que é muito importante a leitura, escrita e a interpretação para suas vidas, pois iriam precisar futuramente e para o vestibular. Já os conteúdos mais difíceis ditos por eles foram, concordância nominal (20%), oração subordinadas (10%), verbos (30%), verbo de ligação (10%), gramática e verbos (10%), verbos abstratos (10%) e concordância verbal e nominal (10%).

10. Qual (is) o (os) conteúdo(s) mais difícil (eis)?

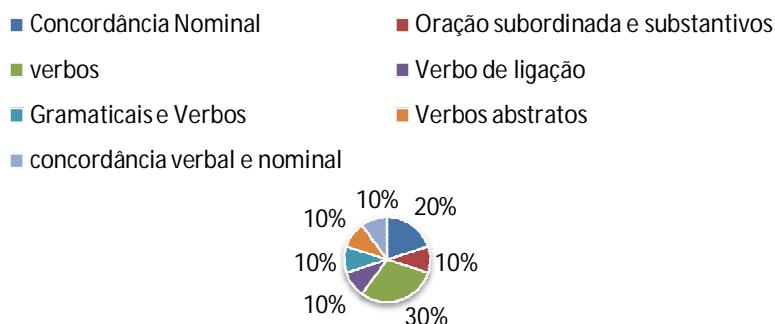


Gráfico 10 (Excel, 2013)

O verbo foi o conteúdo mais difícil (30%) entre os alunos, justamente o conteúdo que é um dos mais exercitados entre os estudantes. Talvez as várias

conjugações, os vários modos, tempos, vozes, pessoas compliquem a compreensão desse assunto na aula de língua portuguesa. Os demais obtiveram o mesmo valor de dificuldades, dentre os quais destaco, como mais difíceis as orações subordinadas, a concordância e regência.

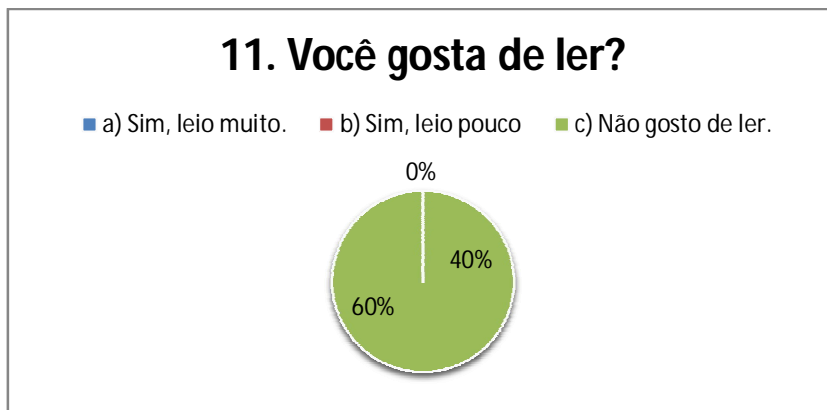


Gráfico 11 (Excel, 2013)

A maioria dos alunos gosta de ler, 40% leem muito, 60% leem pouco. Os alunos lêem, talvez não satisfatoriamente, talvez não o que o professor gostaria que eles lessem. Alguns, no entanto, apresentam dificuldades de leitura. E essa constatação foi verificada em aulas de língua portuguesa, em que essa habilidade era requerida.

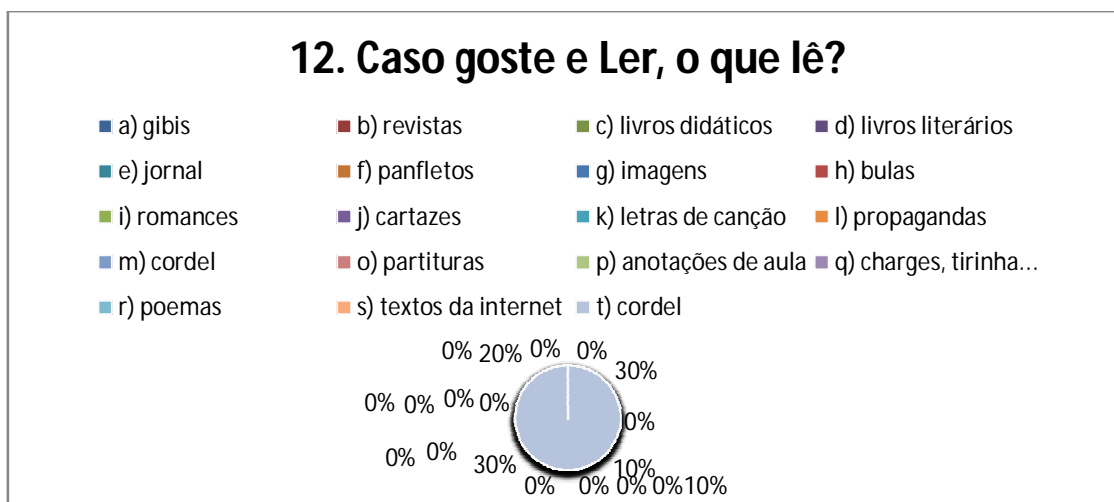


Gráfico 12 (Excel, 2013)

Sobre o que mais gostam de ler 30% disse gibis, 10% livros literários, 10% livros didáticos, 30% romances e 20% poemas. Alguns ainda citaram textos da internet como Facebook, twitter e redes sociais. 70% dos alunos realizam suas leituras em casa e apenas 30% na escola e quando questionados sobre que tipo de texto é lido em sala de aula, todos disseram livros didáticos (100%). Perguntados sobre que tipo de gênero textual eles gostariam que fossem lidos em sala de aula, as respostas foram bem variadas, poemas, romances, obras literárias, textos da internet.



Gráfico 10 (Excel, 2013)

Todos os entrevistados pretendem fazer vestibular em várias áreas – profissões variadas como: medicina, licenciatura, direito, veterinária, arquitetura. Todos eles relataram saberem da importância da disciplina de Língua portuguesa nessa caminhada.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Diante dos dados apresentados observamos que as mulheres estão mais presentes na sala de aula e, a maioria está na faixa etária correta em relação ao ensino fundamental II, pois segundo o PCNs do 3º e 4º ciclo os alunos devem apresentar-se entre 11 e 15 anos, este fato ajuda na relação dos alunos dentro da sala de aula como também facilita na escolha dos textos, das atividades e da

metodologia que o professor irá utilizar. Ao planejarmos uma aula deve-se antes de tudo avaliar para qual público iremos aplicá-la. Segundo os PCNs:

Organizar o aprendizado de Língua Portuguesa nesses ciclos requer que se reconheçam e se considerem as características próprias do aluno adolescente, a especificidade do espaço escolar, no que se refere à possibilidade de constituição de sentidos e referências nele colocada, e a natureza e peculiaridades da linguagem e de suas práticas. (PCNs, 1998, P. 45)

A maioria dos alunos entrevistados provém da zona rural o que mostra a falta de escolas no campo. Apesar de várias políticas públicas e sociais ainda é comum que os alunos do campo deixem o seu meio social e venha para a cidade á procura de educação, onde os professores não são preparados para lhe dar com este público. Além de tomar um choque cultural na escola esses alunos acabam sofrendo preconceito lingüístico, pois trazem consigo variedades lingüísticas que muitas vezes são pouco conhecidas pelos alunos da zona urbana. BAGNO (2007, p.27) afirma: “[...] a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos (...) independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica. [...]”

A utilização no dia-a-dia das disciplinas estudada na escola estimula os alunos a se interessarem pelas mesmas. A maioria dos alunos prefere as disciplinas da área de humanas, que estão presentes no cotidiano deles, vista como disciplina de que mais gostam. Mesmo com os vários problemas no ensino da língua os alunos vêem a necessidade de “aprender” sobre ela, por isso é importante que os professores de Língua Portuguesa “ensinem” a língua de modo que mostre as suas reais possibilidades de uso, só assim instigará ainda mais o gosto pela disciplina de Português.

A metodologia do professor pode influenciar muito no interesse e na aprendizagem do aluno, pois segundo o questionário, as matérias de matemática, Inglês, geografia, história e português foram escolhidas como as que eles não gostavam e o principal motivo foi a metodologia adotada. Os alunos que escolheram a disciplina de português ainda acrescentaram dizendo que acham à disciplina muito complexa, mas decorre muitas vezes, da metodologia adotada na aula.

Os conteúdos de Leitura e interpretação de texto foi o conteúdo de língua Portuguesa que a maioria dos alunos escolheu como melhor e a justificativa foi

porque eles leem, “viajam” pelo texto e expõem sua opinião. É importante que os professores explorem mais esse lado de reflexão dos alunos, principalmente nesta fase da vida que eles se encontram, a adolescência, onde eles estão em processo de desenvolvimento e precisam construir seus pontos de vista para que possam se posicionar perante a sociedade. O texto tem papel fundamental para isso, pois segundo ANTUNES:

A atividade de leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral. (ANTUNES, 2003, p. 70)

Além de instigar a reflexão dos alunos, a interpretação dos textos deveria ser vista como um momento de avaliar a oralidade do aluno e não se restringir apenas a escrita como meio de avaliação. Segundo os PCNs a escola deve proporcionar acesso aos usos da linguagem mais formalizados e convencionais. Já os alunos que escolheram a gramática como preferências acharam-na fácil, talvez por um gosto pessoal ou o método de ensino escolhido pelo professor estimularam o gosto do aluno por esse eixo da Língua Portuguesa.

A literatura não está entre os conteúdos mais apreciados pelos alunos, talvez isso se deva ao fato do pouco trabalho que é realizado sobre literatura na sala de aula durante o ensino fundamental. Não estou aqui defendendo que no ensino fundamental deveria, por exemplo, ser estudadas as escolas literárias, mas que se explorem obras literárias, que já existem há algum tempo e são direcionadas principalmente para este público, que são os livros de literatura infanto-juvenil. Este ato além de levar os alunos ao contato com a literatura também os estimulam a se tornarem leitores. GERALDI (2006, p. 98) afirma que: “Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio – o prazer- me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de “incentivo à leitura”. [...]”

Os alunos afirmam sentir dificuldade no aprendizado e antipatia pelos conteúdos gramaticais. O ensino da nomenclatura é um dos mais complicados para eles, por ter muitas regras e exceções. Muitas vezes o aluno sente-se sobrecarregado de informações sem saber ao certo para que servem e como utilizá-las.

Além dos conteúdos literários que apresentaram uma rejeição assim como os de leitura e interpretação de textos e tiveram as mesmas justificativas talvez porque estejam sendo abordados de forma correlacionada. Pois é muito comum ver uma obra fragmentada sendo utilizada com o intuito de responder a questionários predefinidos. Esta metodologia faz com que os alunos não encontrem sentidos naquilo que lêem, ou condicioná-los a uma leitura apenas por pretexto.

A partir dos questionários feitos e as respostas obtida pelos alunos, pudemos constatar que o ensino de Língua Portuguesa precisa de sérios ajustes, pois os professores continuam a trabalhar isoladamente a produção textual escrita e a leitura, privilegiando a “reprodução mecânica” de fatos gramaticais, pude observar isso através das respostas sobre os assuntos mais estudados por eles e os mais difíceis. Infelizmente essa é uma prática antiga, onde segundo MATTOS (1999), se considerava que o domínio de estruturas gramaticais garantiria uma produção textual escrita proficiente, julgando que a memorização possibilitaria ao aluno produzir tipos de textos diferentes. A escola assim desconsiderava fatores de ordem cognitiva, social, pragmática e ideológica, impossibilitando o aluno a uma reflexão de si mesmo e do mundo a sua volta.

A leitura e interpretação de textos foram consideradas por eles muito importantes para a vida escola e também para além dela e para que ela seja utilizada realmente em suas vidas é necessário trabalhar as dificuldades dos mesmos em produzirem textos proficientes, realizando aulas contextualizadas, desenvolvendo a oralidade e escrita dos alunos. Todos os discentes disseram gostar de ler, uns muito e outros pouco, entre o que eles preferem ler se destacou os gibis, romances e poemas, sendo que a maioria realiza suas leituras em casa, isto talvez ocorra porque a metodologia utilizada em sala de aula não seja adequada, fazendo com que os alunos não gostem de praticá-las em sala de aula.

Segundo os alunos os livros didáticos são os textos que eles mais leem em sala de aula, os mesmos deram sugestões do que gostariam que fossem lidos no âmbito escolar. Por isso afirmamos que os alunos gostam de ler. E é preciso apenas levar em conta a capacidade de cada um, com isso os educadores precisam procurar saber o que de fato eles gostam de ler e não impor o que eles acham que é bom, pois os professores geralmente selecionam livros ou autores de seu conhecimento e leitura.

Mesmo diante das dificuldades relativas ao ensino público, os alunos querem terminar o ensino médio e fazer o vestibular, para cursos concorridos como medicina, direito, engenharia, computação e outros. Alguns desejam a área de ensino, inclusive, serem professores de Língua Portuguesa.

5 CONSIDERAÇÕES

Ao acompanhar o ensino de língua portuguesa pelo Subprojeto de língua portuguesa PIBID/UEPB/CH pude observar dois aspectos importantes: os alunos da escola José Soares de Carvalho, são os típicos alunos de escola pública – apresentam grandes carências, mas ainda vêm a escola como um dos espaços a ser ocupados na sociedade. Para eles, a aula de Língua Portuguesa é uma incógnita, não sabem bem para o que servem, monótona, mas acreditam que ela é importante. E ainda, percebemos a importância e urgência de se pensar caminhos que possam convergir para um ensino de língua inovador, pensado a partir dos referenciais dos PCNs, de outros pressupostos teórico-pedagógicos e também de algumas boas propostas que alguns livros didáticos têm apresentado, sem, obviamente, perder de vista o desejo e interesse que os professores devem ter por inovar, por buscar novos conhecimentos para tornar suas aulas de língua portuguesa, mais atrativas e significativas. Sabemos que não há receitas prontas, nem roteiro pré-estabelecido. O que se cogita é que haja empenho e dedicação em primeiro momento dos professores para que levem aos alunos roteiros de aulas e atividades que os inspirem e assim sejam feitas propostas em conjunto e adequado à realidade em que ambos. Então, um planejamento conjunto, a diversificação das estratégias didáticas, a introdução de novos recursos didáticos, a adoção de uma postura mais dialógica são importantes aliados para minimizar os problemas relativos ao ensino de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. 1º edição. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: O que é, como se faz. São Paulo, Ed. Loyola, 2007.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999.

MATTOS, José Miguel de. O Texto Escrito no Contexto Escolar. In: BRITO, Eliana Vianna (org.). **PCNs de Língua Portuguesa**: a prática em sala de aula. São Paulo: Arte & Ciência – 2003.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. SPINDOLA, Arilma Maria de Almeida. **Linguagens na Educação Infantil III** – Literatura Infantil – Cuiabá: Edufmt, 1990.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: **língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

POSSENTI, Sírio; ILARI, Rodolfo. **Ensino de língua e gramática**: alterar conteúdos ou alterar a imagem do professor? In: CLEMENTE, Elvo; KIRST, Marta Helena Barão (Org.). *Linguística aplicada ao ensino de português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p. 7-15 . (Novas perspectivas, 11)

SANTIAGO, Maria Eliete. **Projeto pedagógico da escola**: uma contribuição ao planejamento escolar. In: Revista de Administração Educacional, Recife, v. 1, nº 1, p. 69-73, jul./dez. 1991.

SILVA, Lílian Lopes Martin da. *Às vezes ela mandava ler dois ou três livros por ano*. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**: leitura & produção. Cascavel: ASSOESTE, 1984.